

UM ESTUDO SOCIOFUNCIONAL DA PERÍFRASE VERBAL *IR+INFINITIVO*

Ana Maria Hernandes da FONSECA (UNESP / FAPESP)
Sebastião Carlos Leite GONÇAVES (UNESP / CNPq)

Introdução

Como parte de um projeto mais amplo em que investigamos a construção *ir+infinitivo*, na interface Sociolinguística/Gramaticalização, restringimo-nos, no presente trabalho, à apresentação (i) das diferentes funções semântico-pragmáticas – *Temporal, Aspectual e Modal* – que podem ser atualizadas sincronicamente nesse grupo verbal e (ii) dos fatores linguísticos determinantes dessas funções. Partimos da hipótese de que a multifuncionalidade de *ir+infinitivo* é resultado da manifestação de diferentes graus de sua gramaticalidade, pois, consoante *princípio da divergência* (HOPPER, 1991), a forma/construção que dá origem a um processo de gramaticalização pode permanecer no sistema como forma/construção autônoma, levando à coexistência de múltiplas formas/construções de etimologia comum, porém divergentes funcionalmente. No caso específico de *ir+infinitivo*, esse princípio é claramente verificado; não só há diferenças funcionais entre a construção fonte [*ir+oração infinitiva*] e as construções gramaticalizadas realizadas por meio de [*ir+infinitivo*], todas coexistindo sincronicamente, como também há diferenças funcionais entre as próprias construções gramaticalizadas, uma vez que, para cada grau de gramaticalidade do grupo verbal, há a predominância de uma das categorias associadas ao verbo: *Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade*. A predominância de uma dessas leituras está correlacionada à ocorrência de alguns fatores linguísticos, os quais serão abordados detalhadamente neste trabalho.

Adotamos como *corpus* de pesquisa o banco de dados IBORUNA, que, sediado na UNESP de São José do Rio Preto, compõe-se de amostras de fala do interior do Estado de São Paulo, com rigorosa coleta de dados e controle de fatores sociais (GONÇALVES, 2008). Para a primeira etapa da pesquisa, que analisa a multifuncionalidade da construção *ir+infinitivo*, foram utilizadas 38 amostras de fala que abrangeram todos os perfis sociais do *corpus*. Nelas, identificamos 1492 *tokens* de *ir+infinitivo*. Para a codificação dos dados, utilizamos 16 critérios linguísticos (*Possibilidade de alternância com futuro sintético, Valor predominante da perífrase, Flexão temporal de V1, Tipo de estado-de-coisas, Transitividade de V2, Estatuto sintático da oração, Animacidade do sujeito, Pessoa e número do sujeito, Tipo semântico do sujeito, Presença e especificação do material interveniente na perífrase, Presença de circunstante na predicação, Presença de proposição/verbo modal na predicação, Tipo de discurso, Tipo de frase, Tipo de texto, Distância temporal entre momento do evento e momento de fala*), a fim de identificarmos quais deles seriam determinantes das funções do grupo verbal. Embora essa primeira etapa não seja de natureza variacionista, utilizamos o pacote estatístico Goldvarb para tratamento eletrônico dos dados para garantia de resultados mais seguros.

O presente texto encontra-se assim estruturado: na primeira seção, tratamos da multifuncionalidade do grupo verbal em estudo, com subseções específicas para cada uma das funções *Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade* (TAM) que se atualizam na construção *ir+infinitivo*. Na conclusão, esboçamos um breve resumo do que foi tratado ao longo do trabalho e apresentamos a proposta de Bybee (1985) sobre a gramaticalização das categorias verbais flexionais, a fim de hipotetizarmos que a gramaticalização de *ir+infinitivo* está ocorrendo, no português brasileiro, em um processo maior de gramaticalização das categorias verbais.

1. A multifuncionalidade de *ir+infinitivo*

Nesta seção, apresentamos as análises para a multifuncionalidade de *ir+infinitivo*, realizadas por meio dos critérios de análise linguísticos apresentados na introdução deste trabalho.

Na tabela 01, à página seguinte, contabilizam-se o número total de ocorrências selecionadas das construções de *ir+infinitivo* (frequência *token*) e a frequência dos diferentes tipos de funções identificadas (frequência *type*) no *corpus*. Como se pode notar, a construção *ir+infinitivo* atualiza uma vasta gama de funções, contudo apresenta maior recorrência nas funções *Tempo Futuro Imediato* (35,6% da amostra) e *Modalidade Epistêmica de Possibilidade* (21,4% da amostra). A alta frequência nesses *types* pode ser

explicada pelo fato de *ir+infinitivo* estar em processo de gramaticalização e vir se especializando na codificação de tempo futuro. Isso ratifica a hipótese de Bybee (2003), segundo a qual a frequência de uso das construções gramaticalizadas aumenta conforme a gramaticalização se desenvolve. É importante salientar que a predominância dos *types* Tempo Futuro / Modalidade Epistêmica não nos permite desconsiderar as outras funções; todas coexistem sincronicamente já que a gramaticalização, por ser gradual, permite a coocorrência de formas idênticas, porém funcionalmente divergentes (HOPPER, 1991).

Tabela 01: Frequência *token* / *type* de *ir+infinitivo*

	<i>Type</i>	<i>Token</i>
ASPECTO (04) 280 <i>tokens</i> 18,8% da amostra	Aspecto Imperfectivo Iterativo	99/1492 6,6%
	Aspecto Imperfectivo Inceptivo	90/1492 6,0%
	Aspecto Imperfectivo Cursivo	3/1492 0,2%
	Aspecto Perfectivo	88/1492 5,9%
	Aspecto Perfectivo Semelfactivo	5,9%
TEMPO (03) 631 <i>tokens</i> 42,3% da amostra	Tempo Futuro Próximo	532/1492 35,6%
	Tempo Futuro Remoto	18/1492 1,2%
	Tempo Futuro do Pretérito	81/1492 5,4%
MODALIDADE (03) 469 <i>tokens</i> 31,4% da amostra	Modalidade orientada para Falante	52/1492 3,5%
	Modalidade Orientada para Agente	98/1492 6,6%
	Modalidade Epistêmica (Possibilidade)	319/1492 21,4%
	Marcador Discursivo	65/1492 4,4%
	Função Ambígua	47/1492 3,2%
	TOTAL	1492 100%

A seguir, por uma questão de delimitação de trabalho, dedicamo-nos à análise mais geral das funções *Tempo*, *Aspecto*, *Modo/Modalidade* (TAM) da construção *ir+infinitivo*, apontando os fatores linguísticos determinantes de cada função.

1.1 Função Aspectual

O traço semântico essencial para o reconhecimento de uma construção *ir+infinitivo* como predominantemente ASPECTUAL é o de [+/- durativo]. Em nossas ocorrências, identificamos a atualização de quatro tipos de aspecto: *semelfactivo* e *iterativo*, na face quantitativa, e *Perfectivo* e *Imperfectivo*, na face qualitativa (CASTILHO, 2002). Importante ressaltar que faces qualitativa e quantitativa não se excluem, ao contrário, as expressões aspectuais combinam-se nesses dois planos, conforme mostramos mais adiante. Dentre os dezesseis critérios utilizados para o estudo da multifuncionalidade da construção *ir+infinitivo*, podem ser considerados relevantes para a análise da função aspectual como um todo: *Flexão Temporal VI*; *Tipo de Texto*; *Distância temporal de ME em relação ao MF*; *Tipo sintático da oração*; *Tipo de Estado-de-coisas em que ocorre a construção*; *Tipo de frase*; *Presença de circunstância à direita ou à esquerda da construção* e *Presença de material interveniente*. Os demais critérios não foram considerados relevantes, porque seus fatores correspondentes não foram recorrentes na função aspectual em específico. Os resultados dessa análise encontram-se reunidos na tabela 02, dada a seguir.

Com base nos fatores linguísticos predominantes nesse *type*, podemos elencar algumas características prototípicas da construção *ir+infinitivo* com *Função Aspectual*: (i) a flexão temporal de VI

mais recorrente é a de Pretérito Perfeito (51,8%), constatação que se justifica por ME anterior ao MF ser a distância temporal mais frequente (69,6%) e pelo tipo de texto predominante ser o narrativo (60%). Por assim se manifestar, este *type* não pode ser considerado, na maioria dos casos (97,2%), alternante de futuro sintético; (ii) tem como contexto sintático favorecedor a coordenação ou justaposição (52,5%), embora a construção tenha sido também encontrada em orações adverbiais (15%), principalmente aquelas encabeçadas pela conjunção temporal *quando*, denotando *habitualidade* e *atemporalidade* sob a função *Aspectual Imperfectiva Iterativa*;

Tabela 02: Fatores linguísticos relevantes para a noção aspectual de *ir+infinitivo*.

Fatores	Flexão Temporal V1	Distância temporal ME/MF	Tipo sintático da oração	Tipo de Estado-de-coisas	Tipo de frase	Presença de circunstante à direita ou à esquerda	Tipo de Texto	Presença de material interveniente
Type	Pretérito Perfeito	Anterior	Coordenada ou Justapostas	Atividade	Declarativa	36%	Narrativa	4% (10/280)
	Indicativo	69,6%	52,5%	53,6%	Afirmativa	(101/280)	60%	
	51,8%	(195/280)	(147/280)	(150/280)	96,4%	(168/280)		
	(145/280)			(270/280)				
Aspectual	Presente	Atemporal	Adverbiais	Realização	Outros			
	Indicativo	26,8%	15%	24%	3,6%			
	28,2%	(75/280)	(42/280)	(67/280)	(10/280)			
280 tokens 18,8% da amostra	Pretérito Imperfeito	Outras	Outros	Outros				
	Indicativo	3,6%	32,5%	22,4%				
	19,3%	(10/280)	(91/280)	(67/280)				
	(54/280)							
	Outras							
	0,7%							
	(2/280)							

(iii) a força ilocucionária que propicia a emergência dessa função é a Declarativa Afirmativa (96,4%);

(iv) a presença de material interveniente na construção *ir+infinitivo*, tais como: pausa e sintagma nominal - sujeito, ainda que pequena (4% das ocorrências desse *type*), revela que a função aspectual ainda não está tão gramaticalizada ou não está tão *conectada*, nos termos de Lehmann (1982);

(v) a presença de circunstâncias à direita ou à esquerda do grupo verbal é representativa (36% do total de *tokens* aspectuais) e mostra também uma aproximação semântica da construção de valor aspectual, com o sentido original de deslocamento do verbo *ir*, o que nos indicia que essa função se atualizaria nos estágios iniciais de gramaticalização de *ir+infinitivo*; e, por fim,

(vi) o tipo de estado-de-coisas mais frequente em que ocorre essa função é o de *Atividade* [+ dinâmico, + controlado, - télico], visto que o número maior de ocorrências aspectuais são imperfectivas, portanto, atéticas. É identificado também o estado-de-coisas *Realização* [+dinâmico, + controlado, + télico], coocorrendo com a *função aspectual perfectiva semelfactiva*, em que o evento é apresentado como acabado.

A seguir, apresentamos, de (01) a (04), ocorrências prototípicas de subfunções Aspectuais.

(01) **IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO**

- a. *já penduro no varal quando chega à tarde quando minha mãe vai chegá(r) do serviço... já tá tudo prontinho a ro(u)pa lava::da* [AC-022; RP; L.483]
- b. *já penduro no varal quando chega à tarde quando minha mãe chega do serviço... já tá tudo prontinho a ro(u)pa lava::da*

Em (01a), temos uma ocorrência em que a construção *ir+infinitivo* assume um valor *Aspectual Imperfectivo Iterativo*, identificado pela recorrência dos seguintes fatores linguísticos: V1 flexionado no *Presente do Indicativo*, tempo mais recorrente para essa função; a construção *ir+infinitivo* é a forma escolhida pelo falante, porque o que ele busca é marcar a habitualidade de um estado-de-coisas, fato comprovado pela *atemporalidade* do grupo verbal, que pode ser substituído pelo Presente do Indicativo (tempo zero), como mostra (01b). Ainda que não haja a presença de outro circunstante aspecto-temporal, é perceptível que o falante descreve a rotina de outrem, constatação favorecida pelo tipo de texto *relato de procedimento*, e também por se tratar de uma oração *Adverbial* temporal encabeçada pela conjunção *quando* desencadeadora, em contextos como esse, de uma leitura de habitualidade. O tipo de frase *Declarativa Afirmativa*, a mais frequente para essa função, é também identificada nessa ocorrência, já que o falante declara como verdadeira a realização de um evento habitual.

A ocorrência em (02a) exemplifica a função *Aspectual Imperfectiva Inceptiva Semelfactiva*.

(02) **IR_{PRET.PERF.IND.} + INFINITIVO**

- a. *uma S-10 tava vin(d)o na/ em/ na toda né? numa curva assim... aí ele **foi virá(r)** o cara veio com tudo e quase veio pra cima pra e/ dele né? aí aí ele se jogô(u) no barranco [AC-023; NR; L.179]*
- b. *uma S-10 tava vin(d)o na/ em/ na toda né? numa curva assim... aí ele **começou virar** o cara veio com tudo e quase veio pra cima pra e/ dele né? aí aí ele se jogô(u) no barranco*

Como leitura dominante de (2a), o falante se vale da construção *ir+infinitivo* para marcar o início de um estado-de-coisas singular e não acabado – o que se comprova pela paráfrase em (02b). V1 está flexionado no *Pretérito Perfeito do Indicativo*, tempo mais recorrente nessa função (63,3%), fato que, em princípio, pode parecer paradoxal, já que este tempo verbal é prototípico de aspecto perfectivo; contudo, quando levamos em conta o postulado de Corôa (2005), que considera que a expressão temporal não se dá apenas pelo acréscimo de morfemas a um radical ou pela colocação de partículas ou auxiliares, mas também pela presença de outros fatores linguísticos que se combinam para sua realização, como a presença de advérbiais ou algum outro correlato linguístico que favoreça à interpretação do tempo na sentença, a contradição se desfaz já que a interpretação temporal/aspectual dessa oração não é a de Pretérito Perfeito nem de aspecto perfectivo, já que, claramente, a ação descrita não foi acabada. É possível identificarmos, ainda que em segundo plano, uma leitura de tempo passado, já que o evento é *anterior* ao momento da fala (ME, PR - MF); tal distância temporal é categórica quando V1 flexiona-se no Pretérito Perfeito do Indicativo e é favorecida pelo tipo de texto Narrativo. O contexto sintático em que ocorre a construção "foi virar" é o de coordenação, tipo mais recorrente para essa função; o falante narra um evento apresentando-o como verdadeiro, já que o enunciado é escopado por uma força ilocucionária Declarativa Afirmativa.

A *Função Aspectual Imperfectiva Cursiva Semelfactiva* segue exemplificada em (03) abaixo.

(03) **IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO**

- a. *apesar de tudo ela disse que sem::pre amô(u) ele que sempre **vai amá(r)**... apesar da mor::te dele né?... [AC-038; NR; L.139]*
- b. *apesar de tudo ela disse que sem::pre amô(u) ele que sempre **amará**... apesar da mor::te dele né?...*

Em (03a) o falante descreve um estado-de-coisas atético, cujo foco é dado no seu desenvolvimento, daí o predomínio da *Função Aspectual Imperfectiva Cursiva Semelfactiva*. Embora haja a presença de um circunstante iterativo/habitual na sentença, o advérbio *sempre*, a leitura predominante é a semelfactiva, uma vez que a semântica do V2, o verbo *amar*, impossibilita uma interpretação de evento plural ou que possa ser reiterado. Permite paráfrase pelo futuro sintético, conforme é mostrado em (03b) e tem a força ilocucionária Declarativa Afirmativa, incidindo sobre o enunciado do qual faz parte.

Em (04a), a leitura predominante da perífrase é a de *Aspecto Perfectivo Semelfactivo*.

(04) **IR_{PRET.PERF.IND.} + INFINITIVO**

- a. *uma amiga minha **foi viajá(r)** pra Laranjais e ela achô(u) o hotel de lá muito bonito... [AC-004; NR; L.62]*
- b. *uma amiga minha **viajou** pra Laranjais e ela achô(u) o hotel de lá muito bonito...*

Três evidências sustentam a leitura predominante de *Aspecto Perfectivo Semelfactivo* de (04a): (i) a flexão temporal de V1 no Pretérito Perfeito, tempo prototípico de atualização de aspecto perfectivo; (ii) o fato de se tratar-se de estado-de-coisas *Realização* mostra que o evento é acabado [+tético]; e (iii) a possível paráfrase do grupo verbal pelo Pretérito Perfeito, como mostra (04b). É interessante observar que o aspecto perfectivo só pôde ser percebido, como leitura predominante sobre a de tempo (passado), pela combinação dessas três evidências; somente a flexão do auxiliar no pretérito perfeito parece-nos não ser suficiente para afirmar que o estado-de-coisas é, de fato, acabado. Tal hipótese pode ser justificada pelo fato de que **IR_{PRET.PERF.IND.} + INFINITIVO** não é parafraseável, em quaisquer contextos, pelo pretérito perfeito, não se constituindo, sempre, variantes de uma mesma função. A ocorrência (02a) corrobora essa hipótese.

1.2 Função Temporal

A função temporal propriamente dita, aquela que se sobrepõe às demais leituras de aspecto ou modo, atualiza-se em ocorrências que contenham o traço semântico [+asseverativo]. De acordo com Bárbara (1975, *apud* LONGO, 1990), somente orações asseverativas, aquelas cujo valor de verdade ou falsidade podem ser

comprovados, podem conter tempo em sua estrutura subjacente. Para análise desse *type*, foram relevantes, dentre os dezesseis critérios considerados na análise multifuncional, os seguintes: *Distância temporal de ME em relação a MF*; *Tipo de Estado-de-coisas em que ocorre a construção*; *Flexão Temporal VI*; *Tipo de Texto*; *Tipo sintático da oração*; *Tipo de frase* e *Presença de circunstante à direita ou à esquerda da construção*; esses critérios encontram-se detalhados na tabela 03 abaixo. Os demais critérios não se mostraram recorrentes para uma determinada função.

Tabela 03: Fatores linguísticos que favorecem o predomínio da Função Temporal.

Fatores	Distância temporal ME//MF	Tipo de Estado-de-coisas	Flexão Temporal VI	Tipo de Texto	Tipo sintático da oração	Tipo de frase	Presença de circunstante à direita ou à esquerda
Type Temporal (03) 631 tokens 42,3% da amostra	Futuro Próximo 54,5% (344/631)	Atividade 52,1% (329/631)	Presente do Indicativo 86,4% (545/631)	Narrativa 39% (245/631)	Coordenadas / Justapost. 62,8% (396/631)	Declarativa Afirmativa 58,8% (371/631)	25,7 % (162/631)
	Futuro de uma situação irreal 29,3% (185/631)	Dinamismo 29% (183/631)	Pretérito Imperfeito Indicativo 12,4% (78/631)	Relato de Opinião 27,6% (174/631)	Encaixadas 11,3% (71/631)	Comissiva 24,4% (154/631)	
	Futuro de uma situação passada < MF (81/631) 12,8%	Estado 11,1% (70/631)	Outras 1,2% (8/631)	Outros 33,4% (212/631)	Outros 25,9% (164/631)	Outros 16,8% (106/631)	
	Outras (21/631) 3,4%	Outros 7,8% (49/631)					

O *type* temporal de *ir+infinitivo* é o maior da nossa amostra (42,3%). Caracteriza-se por *VI flexionado no Presente do Indicativo* (86,4%) e por uma leitura de de futuridade da construção, valor confirmado pela distância temporal mais recorrente para esta função: *futuro próximo* (54,5%). Por indicar predominantemente tempo futuro, todos os grupos verbais dessa função são parafraseáveis pelo futuro sintético (100%), o que nos permite seguramente afirmar que *ir+infinitivo* com função temporal é uma variante na codificação de futuridade no PB. O tipo de texto mais frequente desse *type* foi o Narrativo (39%). Inicialmente esse predomínio nos pareceu contraditório, já que o esperado, nesse tipo de texto, seriam eventos codificados com marcas de passado. Contudo, ao cruzarmos o critério *tipo de texto* com *tipo de discurso*, pudemos constatar que, dentre todas as ocorrências de *ir+infinitivo* em narrativas, 34,4% ocorrem em discurso direto, o que explicaria o aparecimento da noção de futuridade em textos narrativos. Identificamos como estados-de-coisas mais recorrentes para esse *type* o de *Atividade* [+ dinâmico, + controlado, - télico] (52,1%) e o de *Dinamismo* [+ dinâmico, - controlado, - télico] (29%), predominância justificável por ambos serem atéticos, traço que se verifica em eventos futuros. O contexto sintático que favorece a emergência dessa função é o de *coordenação ou justaposição* (62,8%) e a força ilocucionária mais recorrente é a *Declarativa Afirmativa* (58,8%). A presença de circunstâncias à direita ou à esquerda da construção, embora bem menor em relação à função Aspectual (36%), é ainda relevante (29,6%) e revela uma aproximação semântica ainda considerável do grupo verbal com verbo pleno *ir* (=deslocamento). É interessante também observar que há ocorrências desse *type* que permitem material interveniente, contudo trata-se de pronomes oblíquos (5,4%), que parecem não interferir no grau de conexidade da perífrase, pois este é um fenômeno que faz parte da própria estrutura verbal.

Apresentamos, de (05) a (07), ocorrências representativas de cada função temporal identificada em nosso *corpus*.

(05) **IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO**

- a. *aí ela falô(u) assim – “ah eu quero” –... eu falei – “então vô(u) falá(r) pa ele vim aqui”*[AC-046; NE; L.80]
- b. *aí ela falô(u) assim – “ah eu quero” –... eu falei – “então falarei pa ele vim aqui”*

Em (05a), há o predomínio do *Tempo Futuro Próximo*, já que parece inequívoca a certeza do falante sobre a realização do estado-de-coisas, ainda que se trate de um evento futuro. Pode-se depreender também nesse enunciado o que Fleischmann (1982) denomina *relevância do presente*, que, segundo a autora, é uma característica inerente às formas futurizadas (futuro analítico), pois nelas, o evento futuro é mostrado como oriundo no presente. Essa leitura parece ser possível pelo caráter aspectual prospectivo inerente ao verbo *ir*. VI está flexionado no *presente do Indicativo*, mas marcação temporal é de *futuro próximo*. A leitura de Tempo pode ser identificada como predominante pela presença do traço [+asseverativo], reforçada pela *força ilocucionária comissiva*, na qual o falante se compromete com a realização de um estado-de-coisas, e pela possível paráfrase com o futuro sintético mostrada em (05b). Embora seja possível atribuir à construção uma leitura modal epistêmica de certeza, esta é secundária e atribuível ao que é próprio do modo Indicativo. No que diz respeito ao tipo de texto em que se encontra essa ocorrência, ainda que apareça em um contexto *narrativo*, por meio do discurso reportado, o falante reproduz literalmente a situação em que o evento enunciado é posterior a sua enunciação. Vejamos, agora em (06) um caso de *Futuro do Pretérito*.

(06) **IR_{PRET. IMPER. IND.} + INFINITIVO**

- a. *um moleque maior falô(u) que ia batê(r) nele na hora do recreio... por motivo num sei o que lá e brincade(i)ra lá e começô(u) empurrá(r) ele... [AC-067; NR; L.170]*
- b. *um moleque maior falô(u) que bateria nele na hora do recreio... por motivo num sei o que lá e brincade(i)ra lá e começô(u) empurrá(r) ele...*

Da ocorrência (06a) sobressai a leitura de *Tempo Futuro do Pretérito*: um tempo futuro em relação a um ponto de referência passado; contudo, toda a situação já ocorreu em um passado (MF - PR - ME); essa distância temporal é favorecida também pelo tipo de texto Narrativo. O predomínio da leitura temporal pode ser aqui identificado também pela presença do traço [+asseverativo], já que o falante, ao enunciar o evento como futuro, tem convicção de sua realização, e pela possibilidade de paráfrase com futuro do pretérito, como mostrado em (06b). A construção *ir+infinitivo* ocorre em uma oração encaixada e se atualiza por meio do discurso indireto, comportamento este bastante recorrente em tempos relativos (FLEISCHMANN, 1982). Segue, por fim, mostrado em (07) um caso de *Futuro Remoto*.

(07) **IR_{PRET. IMPER. IND.} + INFINITIVO**

- a. *eu ficava sempre falan(d)o – “um dia eu vô(u) passá(r) de lá vô(u) conhecê(r) ela” [AC-067; NE; L.07]*
- b. *eu ficava sempre falan(d)o – “um dia eu passarei de lá vô(u) conhecê(r) ela” –*

É possível conferir, à construção (07a), uma leitura de *Tempo Futuro Remoto*, atribuível, principalmente, pela presença do circunstante *um dia* que transmite a ideia de evento distante. Isso não contradiz o postulado de Fleischmann (1982) de que formas futurizadas possuem um vínculo com o presente, porque, na verdade, não é o grupo verbal que dá o valor de futuro remoto, mas todo enunciado escapado pelo circunstante temporal. Isso se reflete no resultado estatístico: a maioria das ocorrências desse *type* (61,1%) possui circunstante temporal com valor remoto à esquerda ou à direita da construção; para as que não possuem circunstante (38,9%), é o contexto em que a construção ocorre que mostra que o evento ocorrerá em um momento futuro distante em relação ao MF, não o grupo verbal propriamente dito. A leitura de Tempo foi a dominante por se tratar de enunciado [+asseverativo] e pelo grupo verbal ser alternante de futuro sintético, como mostra (07b). A ocorrência faz parte de uma narrativa, contudo o falante se vale do *discurso direto*, o que viabiliza a utilização do tempo verbal futuro nesse tipo de texto.

1.3 Função Modal

Para todas as funções modais identificadas em nossas ocorrências, há um valor secundário de futuridade implícito, uma vez que, na expressão do tempo futuro, as categorias tempo e modo estão muito imbricadas. O predomínio da função modal é atribuível ao fato de as perífrases fazerem parte de construções não-asseverativas, pois o falante não está certo quanto à realização do estado-de-coisas, projetando muito mais seu “querer” e uma “expectativa” do que a localização de um evento em momento posterior ao momento da fala.

Três foram os tipos de funções modais identificadas em nosso corpus: (i) *modalidade orientada para o falante* (ordem, pedido); (ii) *modalidade orientada para o agente* (desejo, obrigação, permissão); (iii) *modalidade epistêmica de possibilidade* (BYBEE *et al.*, 1991). À exceção da primeira, em que a construção é escopada por uma força ilocucionária Imperativa ou Hortativa, em todas as demais funções a forma perifrástica poderia constituir alternante da expressão de futuro na sua forma sintética. Porém, como veremos nas análises que se seguem, nesses casos não é a noção de futuridade que se sobressai, mas a de modalidade.

Dentre os critérios utilizados para análise da multifuncionalidade de *ir+infinitivo*, foram determinantes para a função Modal: *flexão temporal de V1*; *Tipo de estado-de-coisas em que ocorre a construção*; *Tipo sintático da oração em que ocorre a construção*; *Presença e localização de circunstantes*; *Presença de proposição/verbos modais*; *Tipo de frase em que ocorre a construção*; *Tipo de Texto*; *Distância temporal entre ME e MF*. Os demais critérios de análise não foram relevantes, pois não tiveram frequência significativa para a identificação de modalidade.

Tabela 04: Fatores linguísticos que favorecem o predomínio da Função Modal.

Type	Fatores	Tipo de frase	Tipo sintático da oração	Flexão temporal de V1	Tipo de Texto	Tipo de estado-de-coisas	Distância temporal entre ME e MF	Presença de circunstante à direita ou à esquerda da construção	Presença de proposição / verbos modais
MODALIDADE (03) 469 tokens 31,4% da amostra		Declarativa	Coordenadas/	Presente do	Narrativa	Atividade	Futuro	16,6%	21,7%
		Afirmativa	Justapostas	Indicativo	35,6%	56,5%	Próximo	(78/469)	(102/469)
		46,3%	36,2%	79,3%	(167/469)	(265/469)	43,1%		
		(217/469)	(170/469)	(372/469)			(202/469)		
		Interrogativa	Principais de	Pretérito	Relato de	Dinamismo	Futuro de		
		14,7%	Adverbiais	Imperfeito	Opinião	29,4%	uma		
	(69/469)	32,9%	Indicativo	32,4%	(138/469)	situação			
		(154/469)	13,2%	(152/469)		irreal			
			(62/469)			37,1%			
						(174/469)			
		Imperativa	Encaixadas	Imperativo	Relato de	Outros	Outra		
		10,9%	18,8%	1,8%	Procedimento	14,1%	19,8%		
		(51/469)	(88/469)	(8/469)	25,8%	(66/469)	(93/469)		
					(121/469)				
		Hortativa	Principais de	Outros	Descrição				
		9,4%	Encaixadas	5,7%	6,2%				
		(44/469)	5,1%	(27/469)	(29/469)				
			(24/469)						
		Optativas	Outros						
		6,6%	7%						
		(31/469)	(33/469)						
		Outros							
		12,1%							
		(57/469)							

A partir da análise da tabela acima, podemos traçar algumas características de construções *ir+infinitivo* com função modal, tais como: (i) V1 está flexionado, na maioria das ocorrências (79,3%), no Presente do Indicativo, e o grupo verbal denota um futuro próximo em relação ao MF (43,1%) ou um futuro de uma situação irreal (37,1%); contudo trata-se de um futuro não-asseverativo. São, em grande parte, parafrazeáveis pelo futuro sintético (84,2%); (ii) o contexto sintático mais comum para construções desse *type* é o de coordenação ou justaposição (36,2%), seguido do de principais de adverbiais (32,9%), sendo essa constatada, principalmente, na modalidade epistêmica de possibilidade já que a apódase das construções condicionais são sempre eventos em potencial, passíveis de realização; (iii) frases declarativas foram as mais recorrentes (46,3%), embora muitas outras tenham sido identificadas para subfunções modais, conforme mostramos adiante na análise qualitativa de ocorrências prototípicas; (iv) no que diz respeito ao tipo de texto, o mais frequente é o narrativo (35,6%), contudo grande parte das ocorrências foram relatadas por meio de discurso direto (28,8%), o que explicaria a recorrência de textos narrativos em um fenômeno com valor de futuridade; (v) o estado-de-coisas que mais coocorreu com a função modal foi o de Atividade (56,5%), seguido do de Dinamismo (29,4%), ambos eventos não-acabados, assim como são também os estado-de-coisas futuros; (vi) a frequência relevante de proposições e verbos modais (21,7%) intensifica a leitura modal do grupo verbal não se constituindo, contudo, condição para sua atualização; (vii) há, em algumas ocorrências, presença de material interveniente (9,4%), mas esses não influenciam no grau de conectividade

do grupo verbal, pois se trata, na maioria dos casos, de pronomes que fazem parte da própria estrutura do verbo; (vii) há ainda a presença de circunstâncias à direita ou à esquerda da construção (16,6%), porém muito menor se compararmos às funções de Tempo e de Aspecto, o que nos permite hipotetizar que essa função seria a que mais se distancia do valor original de deslocamento do verbo *ir*, sendo assim um *type* mais gramaticalizado que os demais. Isso ratificaria o postulado de Bybee (1985) sobre a gramaticalização das categorias verbais flexionais de que Aspecto seria uma categoria menos gramatical por ser mais necessária ao sentido lexical do verbo, Tempo seria uma categoria intermediária e Modo/Modalidade seria a mais gramatical por escopar toda a sentença (*Aspecto > Tempo > Modo/Modalidade*); contudo temos claro que, para uma afirmação como essa, teríamos de elaborar um estudo diacrônico do verbo *ir*, o qual pretendemos desenvolver em pesquisa futura. A seguir, de (08) a (10), apresentamos algumas ocorrências de *ir+infinitivo* expressando modalidade.

(08) **IR_{IMPERATIVO} + INFINITIVO**

- a. “**vamo(s) de(i)xa(r)** a madrinha gritá(r) aí... *nem dá atenção pra ela que ela é assim me(s)mo*” [AC-005; NE, L.25]
- b. * **deixaremos** a madrinha gritá(r) aí... *nem dá atenção pra ela que ela é assim me(s)mo*

Em (08a), identificamos uma leitura *Modal orientada para o falante* (ordem, pedido): modal, porque se trata de uma *intenção* do falante em ver realizado um estado-de-coisas, portanto, não-asseverativo; e orientada para o falante, porque há um convite/encorajamento do falante ao ouvinte para a realização conjunta de um dado estado-de-coisas; mormente esse valor está restrito à flexão do verbo na primeira pessoa do plural (84,6% deste *type*). É possível identificarmos a presença do traço semântico de *irrealis* do evento codificado pelo verbo principal, o que nos permite também uma leitura, ainda que secundária, de tempo futuro, não constituindo, porém, forma alternante de futuro sintético, conforme mostrado em (08b), constatação verificada para o *type* como um todo (94,2%). O enunciado em análise é escopado por uma força ilocucionária Hortativa, presente na maioria das ocorrências dessa função (84,6%) e que corrobora a predominância deste *type*. Embora o tipo de texto seja Narrativo, trata-se de discurso direto, o que permite o falante relatar um evento como posterior ao MF, mesmo dentro de um contexto narrativo. A seguir, em (09), apresentamos uma ocorrência representativa da função modal orientada para o agente.

(09) **IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO**

- a. *então você vai lê(r) a embalagem... o que não precisa do choque térmico... que aí que você vai fazê(r) você vai pegá(r) a forminha... você já vai passá(r)... não é fácil não viu?* [AC-106; RP; L.548]
- b. *então você lerá / deve ler a embalagem... o que não precisa do choque térmico... que aí que você vai fazê(r) você pegará / deve pegar a forminha... você já passará / deve passar... não é fácil não viu?*

Na ocorrência (09a), em primeiro plano, temos uma leitura de *modalidade orientada para o agente* (desejo, obrigação, permissão), já que o falante solicita ao ouvinte a realização de alguns procedimentos a fim de ver realizado um determinado estado-de-coisas; tais procedimentos podem ser interpretados como deveres/obrigações que são colocadas para o ouvinte, o que é confirmado pela possível paráfrase pelo modal *dever* em (09b). A força ilocucionária que recai sobre o enunciado é a Imperativa, não a Imperativa prototípica, mas uma Imperativa que passou por uma *modificação ilocucionária* (DIK, 1997), já que o falante atenuou a força do ato de fala como uma estratégia de preservação de face, sem alterar, contudo, o tipo ilocucional básico da sentença – o Imperativo. A presença de frases Imperativas atenuadas são recorrentes neste *type* (44,9%) como um todo, assim como também o é o tipo de texto Relato de Procedimento (47%), pois o falante, ao relatar procedimentos para se atingir determinados fins, apresenta-os ao ouvinte como “deveres” a serem cumpridos. O grupo verbal é alternante de futuro sintético e trata-se de um futuro de situação irreal, criada artificialmente pelo falante. Vejamos, finalmente, a ocorrência em (10).

(10) **IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO**

- a. *mas às vez nunca dá certo porque se eles tivé(r) a carta... eles vai sabê(r) que é sinal falso... é a única coisa que tem* [AC-059; RP; L.190]
- b. *mas às vez nunca dá certo porque se eles tivé(r) a carta... eles saberão que é sinal falso... é a única coisa que tem*

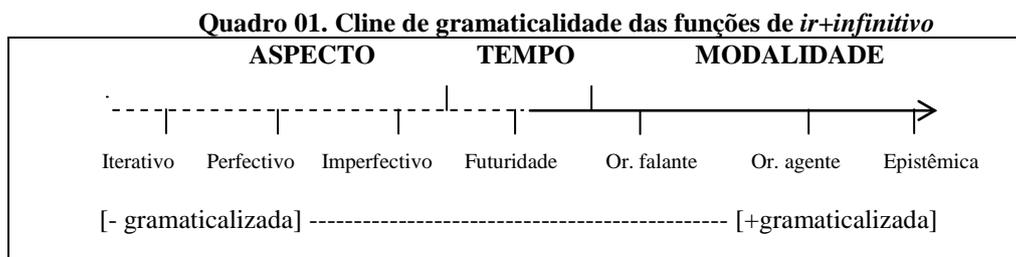
Em (10a), é possível reconhecermos o predomínio da *Modalidade Epistêmica de Possibilidade* já que o falante tem dúvidas a respeito da factualidade do evento que está sendo relatado como futuro. Essa leitura é favorecida também pelo tipo sintático do período, no caso, uma construção condicional, já que essa se apoia, basicamente numa hipótese (NEVES, 2000: p.832), por isso o falante não tem certeza sobre a realização do evento [- asseverativo]. No enunciado em análise, a apódase só é verdadeira se a condição expressa na prótase for satisfeita, por isso, no momento em que é enunciada, a apódase é uma possibilidade de ocorrência, daí a predominância desse *type*. Uma leitura de futuridade também é possível, haja vista a paráfrase construída por recurso ao futuro simples, como mostra (10b), porém essa possibilidade está em segundo plano, porque o que o falante quer mostrar, ao utilizar tal construção, é sua incerteza quanto a realização do estado-de-coisas.

Conclusão

O presente texto teve como objetivo principal apresentar a multifuncionalidade da construção *ir+infinitivo* bem como apresentar os principais fatores linguísticos determinantes dessas diferentes funções. Por questão de delimitação do trabalho, selecionamos apenas as funções do complexo TAM – Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade – que se atualizam na construção em estudo e apresentamos ocorrências prototípicas de todas as subfunções desse complexo que reconhecemos em nosso *corpus* de análise. Para além deste trabalho de identificação de funções, temos buscado também comprovar, amparados em estudos anteriores sobre a gramaticalização das categorias verbais flexionais (BYBEE, 1985), a possibilidade de a gramaticalização de *ir+infinitivo* ocorrer em um processo maior de gramaticalização das categorias verbais.

Bybee (1985) apresenta, por meio de estudo interlinguístico, o comportamento das categorias flexionais *valência, voz, aspecto, tempo, modo e concordância*; analisa a frequência de ocorrência dessas categorias nas línguas do mundo, sua ordem de ocorrência com relação ao radical, e o efeito morfo-fonêmico que elas exercem sobre ele. Dentre as categorias abordadas pela autora, focamos apenas nas de *aspecto, tempo e modo* (TAM), intrinsecamente relacionadas ao nosso fenômeno em estudo. Embora o trabalho de Bybee (1985) esteja direcionado aos morfemas flexionais, parece-nos viável aplicar seus postulados à análise de *ir+infinitivo*, uma vez que, nessa construção, V1 tem comportamento funcional muito semelhante ao dos morfemas flexionais; são eles os responsáveis por toda a marcação morfológica do grupo verbal. Ainda de acordo com a autora, a categoria verbal aspecto refere-se exclusivamente a uma ação ou estado descrito pelo verbo. Ele não afeta os participantes e nem se refere a eles. Por isso, aspecto é a categoria mais relevante para a significação encerrada pelo radical do verbo, pois está mais diretamente ligada ao seu sentido lexical. Por esta razão, podemos pensar que essa seria uma categoria menos gramaticalizada. Com relação à categoria Tempo, a autora apresenta ser este não tão relevante para o verbo, como aspecto o é. Por outro lado, é mais relevante do que categorias como modo e concordância. Já a categoria Modalidade, tem a proposição em seu escopo; não modifica apenas o verbo. Além disso, argumenta a autora, como ele expressa a atitude do falante, não tem uma relação direta com a situação descrita pelo verbo. Isso nos leva a pensar que modo/modalidade é menos relevante para o verbo do que o aspecto e o tempo o são e, por assim se manifestar, essa categoria seria a mais gramaticalizada.

Com base nesse estudo de Bybee, é possível hipotetizarmos que a gramaticalização de *ir+infinitivo* ocorra dentro de um processo maior de gramaticalização das categorias verbais, conforme mostra o quadro abaixo.



Ao mesmo tempo em que confirmamos a relevância dos estudos tipológicos de Bybee, relativamente às categorias do complexo TAM, podemos propor uma trajetória de gramaticalização para as construções de *ir+infinitivo* do PB. Fica, entretanto, por confirmar se, de fato, essa ordem universal de gramaticalização proposta no quadro acima se instancia diacronicamente e se ela se conforma também aos diferentes graus de

gramaticalidade de cada *type* de *ir+infinitivo*, verificável por meio da aplicação de critérios de auxiliaridade (LOBATO, 1975; LONGO, 1990; HEINE, 1993; LONGO & CAMPOS, 2002), temas que pretendemos desenvolver em trabalho futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BYBEE, J. *Morphology a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam, Philadelphia, 1985.
- BYBEE, J. Mechanism of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R., BRIAN, J. (eds). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- BYBEE, J.; PAGLIUCA, W.; PERKINS, R. Back to the future. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. II. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.17-58.
- CASTILHO, A. Aspecto Verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B. M., RODRIGUES, A. C. S. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2002, p.83-121.
- CORÔA, M.L. *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar: complex and derived constructions*. New York, Mouton de Gruyter, 1997.
- FLEISCHMANN, S. *The future in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- GONÇALVES, S. C. L. . Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). In: MAGALHÃES, José Pereira; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. 1 ed. Uberlândia: UFU, 2008, v. 1, p. 1-10
- HEINE, B. *Auxiliaries: Cognitive forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C., HEINE, N. (ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamin, 1991, p.17-35.
- LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. 2 revised. Munich: LINCON EUROPA , 1995 [1982].
- LOBATO, L. M. P. Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo – Critérios de Auxiliaridade. In: ____ . *Análises Linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- LONGO, B. N. O. *A Auxiliaridade e a Expressão do Tempo em Português*. 1990. Tese (Doutorado em Linguística.) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- LONGO, B. O., CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M.B.M., RODRIGUES, A.C. S. (orgs.). *Gramática do Português Falado*, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 445-497.
- NEVES, M.H.M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: editora UNESP, 2000.